

ASPECTOS EXPRESSIVOS NA OBRA *AS AVENTURAS DE TOM SAWYER* DE MARK TWAIN

Clerton Luiz Felix BARBOZA (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte)

RESUMO: tendo em vista o aspecto de análise estilística do presente artigo, temos por objetivo descrever os aspectos da fala coloquial utilizada por Mark Twain em seu primeiro romance, *As aventuras de Tom Sawyer*. Deriva-se deste objetivo a pergunta-problema que norteia o presente estudo: o nível de registro da fala das personagens criadas por Mark Twain em seu livro *As aventuras de Tom Sawyer* varia de acordo com o nível de formalidade exigido pela situação comunicativa em que estas estão inseridas? Temos por hipótese a ideia de que Twain já conhecia a importância do conceito de adequação de nível de registro à situação de comunicação e às características socioeconômicas das personagens. O uso consistente de formas coloquiais pelas personagens que constituem estes grupos nos permite concluir que nossa hipótese de trabalho, acerca da variação consciente do nível de registro das personagens, foi *confirmada*.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Estilística. Literatura Norte-americana. Mark Twain.

1. Introdução

A vida e a obra de Samuel Longhorne Clemens, mais conhecido como Mark Twain, revelam-se impregnadas pela presença dos aspectos regionais da cidade onde passou grande parte de sua infância, Hannibal, Missouri, ao largo do Mississipi. Nascido em 1835, na Florida, em uma família próspera, foi obrigado a trabalhar já aos 12 anos devido à morte do pai. Ainda jovem, trabalhou como datilógrafo e como timoneiro de barcos a vapor que singravam o Mississipi. Neste último, cunhou seu pseudônimo, uma marcação de profundidade para a navegação de vapores.

Após uma breve participação na Guerra Civil Americana (1861-1865), lutando a favor dos confederados (a favor da escravidão), Twain começa sua carreira literária e jornalística no estado de Nevada e, posteriormente, na cidade de São Francisco. Seus artigos e contos tornaram-se imensamente populares e, no final da década de 1860, mudou-se para o leste dos Estados Unidos. O casamento com a herdeira de uma família abastada, em 1870, o levou a se estabelecer em Hartford, Connecticut, e a produzir romances. Seus trabalhos mais relevantes são *As aventuras de Tom Sawyer* (1876), *O príncipe e o plebeu* (1881), *As aventuras de Huckleberry Finn* (1884), considerada sua obra-prima, e *Um ianque na corte do Rei Artur* (1889).

Em seu primeiro livro, Twain foca-se numa representação idílica da juventude banhada pelo rio Mississipi. Diferentemente da obra *As aventuras de Huckleberry Finn* (que Tom Sawyer também participa), o autor prefere não tratar de temas tabus como a escravidão, racismo e xenofobia. Apesar disso, Twain nos brinda com diversas sátiras ao mundo adulto no desenrolar d'*As aventuras de Tom Sawyer*. Este fato ajudou seu primeiro livro a tornar-se sua obra mais lida, uma vez que os tabus abordados mais profundamente n'*As aventuras de Huckleberry Finn* levaram a obra a ser criticada e mesmo a ter sua leitura não recomendada ao seu público ideal: as crianças e jovens em geral.

Em linhas gerais, a obra de Twain começa por desenvolver temas amenos, mas evolui para a crônica das vaidades e hipocrisias da Humanidade. Suas obras principais são caracterizadas por um humor sempre presente, uma narrativa fluente e críticas sociais. Além disso, o frequente uso da fala coloquial ajudou a criar e popularizar um estilo literário construído ao redor de temas e linguagens marcadamente americanas.

Tendo em vista o aspecto de análise estilística do presente artigo, temos por objetivo descrever os aspectos da fala coloquial utilizada por Mark Twain em seu primeiro romance, *As aventuras de Tom Sawyer*. Com vistas a atingi-lo, fazemos uma análise das formas linguísticas mais utilizadas por Twain para caracterizar a fala coloquial, os metaplasmos. Descrevemos também a variação de registro, por vezes iletrado, coloquial, familiar, culto, erudito, e etc. realizada na fala das personagens.

Deriva-se deste objetivo a pergunta-problema que norteia o presente estudo: o nível de registro da fala das personagens criadas por Mark Twain em seu livro *As aventuras de Tom Sawyer* varia de acordo com o nível de formalidade exigido pela situação comunicativa em que estas estão inseridas?

Temos por hipótese norteadora no trabalho a ideia de que Twain, um dos mestres do uso da fala coloquial na literatura, já conhecia a importância do conceito de adequação de nível de registro à situação de comunicação e às características socioeconômicas das personagens. Dessa feita, esperamos encontrar em sua prosa usos linguísticos que se adéquem ao contexto de produção e às personagens que a utilizam.

O presente artigo, dessa feita, é organizado em quatro seções. A primeira apresenta discussões teóricas acerca dos principais processos que caracterizam a fala coloquial na literatura de Mark Twain. Em sequência, apresentamos os recursos lexicais mais utilizados na caracterização de algumas personagens presentes no romance *As aventuras de Tom Sawyer*. A seguir, retiramos do livro supra sequências que indicam variação de registro na fala de acordo com as características de nível cultural e de adequação linguística à situação de fala em que as personagens estejam inseridas. Finalmente, traçamos nossas considerações finais acerca do assunto na seção de conclusão.

2. Estilística e coloquialismo em *TOM SAWYER*

A Estilística, de acordo com Câmara Jr. (apud BRANDÃO, 2005, p. 15) é definida como “a parte do estudo da linguagem que se opõe à gramática, a qual trata da língua representativa. O papel da estilística é depreender todos os processos linguísticos que permitem a atuação da manifestação psíquica e do apelo dentro da linguagem intelectual.” O paradigma de oposição à gramática conferido à Estilística apoia-se no valor que esta empresta às questões de desvios da norma culta, que autores de textos literários ou não realizam em suas produções.

O foco dado a este aspecto da estilística funcionando como contraponto à gramática pode ser melhor compreendido na fala de Possenti (2005, p. 81)

[...] como analistas, muitas vezes queremos marcas, constâncias (frases sempre curtas ou sempre longas, construções todas eruditas ou todas populares), quando, de fato, não nos são oferecidos mais do que indícios, casos de alguma forma singulares. Gostaríamos que o estilo estivesse em toda parte, e ele provavelmente está, mas, de fato, manifesta-se, ou costuma ser apreendido pela presença ou pela ausência de alguns pontos mais evidentes [...]. O que é igual, “não-marcado”, fica como pano de fundo, e é em relação a ele que sobressaem traços aqui e acolá. **E só a esses atribuímos usualmente efeitos de estilo.** (grifo nosso)

Possenti enfatiza a questão da escolha do autor por construções “marcadas”, fora do uso comum da língua culta, da gramática normativa. Ao chegar à conclusão de que estas são as formas que apresentam efeitos estilísticos, o autor supra harmoniza-se com a ideia de Câmara Jr. de considerar o desvio como objeto de análise padrão da Estilística.

No entanto, nem todo desvio da norma padrão pode ser considerado como objeto de estudo estilístico. A linguagem canônica, instrumento de trabalho fundamental do escritor,

já apresenta diversas possibilidades de enunciação de uma mesma ideia. Idiossincrasias, portanto, não fariam parte do rol de objetos de análise estilístico.

Acerca desta questão de transgressão da norma culta, Monteiro (2005, p. 229) é muito feliz ao perceber que “O escritor é aquele indivíduo que a domina talvez mais do que ninguém e, justamente pelo fato de conhecê-la bem, percebe suas limitações e a ultrapassa quando necessário.” Ainda afirmando que “O grande escritor não comete desvios gratuitos e inconsequentes, mas deles se utiliza ao sentir que se trata de uma possibilidade de escolha capaz de enriquecer o texto.”

A busca de artifícios linguísticos com vistas a enriquecer o texto é uma constante em todos os autores e épocas. Assim, podemos falar de um estilo de um determinado autor, de uma escola literária, de uma época, e até mesmo de uma língua (MONTEIRO, 2005). Os meios pelos quais literatos buscam atingir este fim são infinitos, mas, de maneira geral, Câmara Jr. (1978) opta por dividir a Estilística em subáreas de análise, de acordo com a natureza do desvio analisado: Estilística Fônica, que lida com valores impressionantes dos sons (GRAMMONT, 1971), bem como da interessante questão da motivação sonora do signo linguístico; Estilística Léxica, envolta com as escolhas pertinentes ao nível da palavra, buscando demonstrar a tonalidade afetiva de seus usos peculiares (CARDOSO, 2004); e, finalmente, a Estilística Sintática (SILVA, 2004), ocupada com os desvios no nível do mecanismo de ajuste organizacional da frase.

Tais níveis distintos devem ser compreendidos apenas como facilitadores do processo de análise estilística, uma vez que o próprio Câmara Jr. (1978, p. 24) deixa claro que a Estilística abrange “[...] todos os valores expressivos que se acham em potencial numa língua e se podem realizar nas mais variadas circunstâncias da atividade linguística.”

A Estilística também pode ser caracterizada de acordo com a natureza dos subsídios teórico-metodológicos que se utiliza para desenvolver sua análise. Dessa feita, além das divisões de acordo com o objeto linguístico de estudo, apresentados acima, podemos falar de diversas “Estilísticas” de acordo com o referencial teórico utilizado. Assim, podemos falar de Estilística Retórica, Gerativa, Descritiva, Genética, Funcional, Estrutural, Poética, Semiótica, ou mesmo Estatística (GUIRAUD, 1970; MONTEIRO, 2005).

Tendo em vista este caráter abrangente, a Estilística moderna não se interessa apenas pelo estilo literário (DUARTE, 2006; EMÍLIO, 2003; MONTEIRO, 2005, entre outros), objeto de nosso estudo. Os mais variados textos escritos ou orais podem ser seu objeto de estudo, como atestam diversos artigos envolvendo a Estilística e os gêneros textuais no ensino de línguas (BRANDÃO, 2005), o ensino do português (CARVALHO, 2004), a representação de atores teatrais (VIOLA, 2006) e mesmo analisando o estilo na produção de colunas sociais (RIBEIRO, 2007).

Os estudos estilísticos também podem ser utilizados na análise de literaturas regionais, uma das características da obra de Twain (RIEDINGER, 1976). Acerca deste ponto, é pertinente citar Vicenti (2007, p. 188) no que se refere às características de obras regionais

[...] toda literatura regional se preocupa com a questão da verossimilhança do seu mundo representado, pretendendo-se o mais *documental* possível. A falta de verossimilhança pode levar ao não reconhecimento identitário do mundo focalizado e à destruição do caráter regionalista do texto. (grifo da autora)

O caráter verossimilhante no livro *As aventuras de Tom Sawyer* é enfatizado no uso da linguagem coloquial pela maior parte das personagens encontradas na narrativa. Estas falas apresentam processos fonético-fonológicos de redução ou de alteração de segmentos, bastante característicos da oralidade no período retratado e mesmo nos dias de hoje, mas que não são comumente utilizados na literatura. Esta é uma das características mais facilmente

observáveis no desenrolar da narrativa, o que nos fez optar pela sua análise sistemática no presente estudo.

Temos por foco de análise, portanto, o uso de metaplasmos pelas diversas personagens do livro supracitado. Segundo Monteiro (2005, p. 64) “Denominam-se metaplasmos os desvios ou alterações que incidem na forma das palavras, em sua constituição sonora.” Tal definição reforça o caráter sonoro destes desvios, discutido anteriormente, tendo a vantagem de permitir a apresentação e discussão de nossos dados deixando de lado uma descrição puramente dos processos fonético-fonológicos envolvidos.

Ainda segundo Monteiro (op.cit) os metaplasmos podem ser classificados em seis categorias, a saber:

1. aférese - caracterizada pela supressão de fonema ou sílaba no início ou fim de palavra. Ex.: professor – *fessor;
2. síncope - queda de fonema ou sílaba no meio do vocábulo. Ex.: maior – mor;
3. apócope - a supressão no fim de palavra. Ex.: cinema – cine;
4. prótese - aumento de fonema no início de palavra. Ex.: mostrar – amostrar;
5. epêntese - acréscimo de fonema no meio de vocábulo. Ex.: advogado – *adevogado ;
6. paragoge – aumento de fonema no fim de palavra. Ex.: ante – antes.

A apresentação dos processos metaplásmicos nos permite concluir que estas modificações “na forma das palavras são as mesmas que ocorrem na evolução da língua.” (MONTEIRO, 2005, p. 65) Dessa forma, Twain não fez mais que retratar processos fonético-fonológicos diversos que ocorriam e ocorrem na fala coloquial. O discurso oral pode ser representado de diversas maneiras dentro do discurso escrito (CARTER; McCARTHY, 2006, p. 237), tendo Twain buscado utilizar-se de tal recurso para retratar a oralidade de seu tempo.

Iniciamos, na próxima seção, a descrição dos metaplasmos mais utilizados pelo autor ao retratar o coloquialismo na fala de suas personagens. Em sequência, ampliaremos nossa discussão ao discutirmos se Twain fazia uso consciente destes recursos linguísticos, por exemplo, ao não optar pelo uso de metaplasmos característicos da fala coloquial em situações que exigiam a forma culta do discurso.

3. Metaplasmos e outros recursos coloquiais

Nesta seção teremos por foco os processos metaplásmicos de aférese, síncope e apócope, com exemplos sendo apresentados em suas respectivas sub-seções. Faremos a análise, também, de metaplasmos que fazem uso de mais de um processo, bem como de outros coloquialismos utilizados na obra.

3.1 Aférese

O Quadro 1 a seguir apresenta as aféreses mais comuns encontradas no livro *As aventuras de Tom Sawyer*¹.

‘tis = it is ‘twas = it was ‘twould = it would ‘twon’t = it will not	‘long = along ‘nough = enough ‘stead = instead ‘em = them ‘thout = without	‘m = from ‘n = than ‘m = madam
---	--	--------------------------------------

¹ Versão utilizada para análise: TWAIN, Mark. **The Adventures of Tom Sawyer**. London: Penguin, 1994.

Quadro 1: aféreses mais comuns

O primeiro grupo refere-se à aférese da vogal *i* to pronome sujeito *it*. Ela se constitui ainda da junção do pronome com os auxiliares *is*, *was*, *would*, e *will*, que no caso ainda apresenta um processo de síncope característico da contração da negação *not* para *n't* na fala coloquial.

Em sequência, temos um grupo de aféreses bastante comuns, como o pagamento da vogal *a* em *along*, além do *e* em *enough*. As três últimas palavras do grupo apresentam um apagamento inicial de maiores proporções, envolvendo dois segmentos: *in* em *instead*, o *th* em *them*, e o *wi* em *without*. É pertinente observar que apesar da aférese '*em* ser bastante comum no desenrolar do romance, aféreses semelhantes atualmente, como '*im* em *him* e '*er* em *her*, nao o são.

O último grupo caracteriza-se por apagamentos da porção inicial da palavra de grandes proporções, chegando mesmo a dificultar o reconhecimento da palavra de origem, no caso de serem apresentadas fora de seu contexto de utilização deste grupo. É caracteristicamente composto por consonantes nasais, especificamente o '*m* de *from* e *madam* além do '*n* de *than*. O alto grau de apagamento presente nestes exemplos os fazem característicos dos níveis coloquiais mais iletrados.

3.2 Síncope

O Quadro 2 a seguir apresenta as síncopes mais comuns encontradas no livro.

gimme = give me lemme = let me dono/dunno = don't know less = let's	gen'ally = generally di'monds = diamonds reg'lar = regular	b'long = belong s'pose = suppose b'leeve/b'lieve = believe per'aps/p'raps = perhaps
--	--	--

Quadro 2: síncopes mais comuns

O primeiro grupo constitui-se de síncopes muito comuns. As síncopes dos segmentos mediais *ve* em *gimme*, *t* em *lemme*, *n't* de *don't* e o *k* de *know*, ou do *t* de *let's* é quase que uma norma na fala casual (ROACH, 2000).

Em sequência, temos um grupo em que o apagamento de segmentos mediais é determinado pela presença do acento tônico na sílaba anterior. Dessa forma, os segmentos *e* em *generally*, *a* em *diamonds* e *e* em *regular* são todos deletados devido ao fato de serem realizados como [ə], o schwa. Por ser o som mais fraco, e devido ao caráter acentual do inglês, também o mais comum, o som [ə] é frequentemente deletado neste contexto de produção (KREIDLER, 2004).

Componentes do terceiro grupo apresentam síncope motivada por processo semelhante, uma vez que é a localização do acento na sílaba seguinte ao apagamento dos sons *u* em *suppose*, *e* em *believe*, e *h* em *perhaps*. O acento lexical realizado logo após estes segmentos também propicia o seu apagamento.

3.3 Apócope

Apenas um pequeno conjunto de exemplos de apócope, apresentado no Quadro 3 a seguir, foi encontrado.

o' = of murderin' = murdering

d'you = do you
t' = the/to
an' = and

Quadro 3: apócope mais comuns

A supressão do som *f* na preposição *of* ocorre com alguma consistência no desenrolar da narrativa, sendo este tipo de apócope ainda muito utilizada nos dias de hoje. A supressão da oclusiva velar em tempos verbais contínuos como em *murdering*, por outro lado, é raramente utilizada, apesar de ser muito comum atualmente. O mesmo ocorre com o apagamento do som da vogal *o* no auxiliar *do* num contexto anterior ao pronome *you*. Nesta posição, devido às características de realização do som *y*, atualmente o apagamento do som de *o* é seguido de palatalização entre os sons remanescentes envolvidos (WELLS, 1990).

Por fim, as apóopes presentes nas palavras *the*, *to* e *and* não são frequentemente utilizadas. Este tipo de realização não é comum atualmente. A conjunção *and* é normalmente realizada com apócope do som *d* e aférese do som *a*, gerando a forma reduzida 'n, muito utilizada no discurso oral (ORION, 1997), mas que não foi utilizada por Twain em sua narrativa.

3.4 Junção de processos metaplásmicos

Uma pequena parcela de palavras e expressões fazem uso de mais de um dos processos de apagamento descritos acima. O Quadro 4 a seguir apresenta os exemplos mais relevantes desta junção de processos metaplásmicos.

ain't = am not, is not, etc.
'a = have
hain't = have not
sha'n't = shall not
'tain't = it is not

Quadro 4: exemplos de junção de processos metaplásmicos

A expressão *ain't* é sem dúvida a mais utilizada, sendo também atualmente aceita no registro oral de várias regiões (CARTER; MCCARTHY, 2006, p. 235-6). Ela é o resultado, sem nos aprofundarmos na questão da alteração na qualidade vocálica, de um processo de apócope do *m* ou do *s* dos das flexões do verbo *to be* (*am*, *is*), bem como de síncope da vogal *o* na forma abreviada do advérbio de negação *not*.

O apagamento dos sons inicial e final verbo *have*, normalmente em posição de auxiliar, é também bastante comum e recorrente nos dias atuais. Todavia, o mesmo não ocorre com as expressões *hain't* e *sha'n't*. Na primeira expressão, além da alteração da qualidade vocálica, ocorre a apócope do som *v* e o apagamento da vogal na forma contraída da negação. Na segunda, ocorre o apagamento da lateral *l*, e mais uma vez, o apagamento da vogal na negativa.

Finalmente, uma expressão agrupa os três processos metaplásmicos: aférese, síncope e apócope: *'tain't*. Os processos de apagamento começam pela aférese da vogal *i* do pronome sujeito *it*. Em sequência, além da alteração da qualidade vocálica, ocorre o apagamento do som *m* por um processo de apócope, em processo idêntico ao que ocorre na expressão *ain't*, e termina no apagamento por síncope da vogal *o* do advérbio de negação.

3.5 Outras expressões coloquiais

Twain não se limita a retratar a fala coloquial através do uso de metaplasmos em seu livro. A seguir, no Quadro 5, apresentamos exemplos de uso coloquial de pronomes, verbos e sentenças.

your = you ye = you yer = your yourn = yours	warn't = wasn't darn't = dare not mayn't = may not dreamed = dreamt wisht = wished knowed = knew git = get tole = told ben = been	I done it = I have done it I never done it = I have never done it I never see = I have never seen it done = it has done couldn't told = couldn't have told it don't = it doesn't was you = were you I's = I am dis = this de = the wid = with
---	---	---

Quadro 5: outros coloquialismos

O primeiro grupo é composto por pronomes. Constatamos primeiramente o uso incomum do pronome possessivo *your* como sujeito de sentenças, o que requer a utilização do pronome sujeito *you*. Outra variação do sujeito diz respeito ao uso de *ye*. Por sua vez, o possessivo *your* apresenta na obra a forma *yer*, que devido à semelhança com o pronome sujeito *ye*, pode ser considerado derivado deste. O possessivo *yours* também apresenta variação, sendo a forma coloquial *yourn* apresentada no desenrolar da obra.

No que tange aos verbos, começamos por apresentar a contração do verbo *to be* no passando, apresentada frequentemente como *warn't*, ao invés da forma padrão *wasn't*. A forma coloquial utiliza-se da alteração do sibilante por uma líquida, talvez por influência do som final da outra forma do verbo *to be* no passado, *were*. Outros coloquialismos envolvendo negativas são apresentados na forma dos verbos *darn't* e *mayn't*. Na primeira temos apenas a não reprodução da vogal *e* final, sem grandes efeitos uma vez que esta é uma vogal não pronunciada na oralidade. Na segunda, a negativa padrão é *may not*, uma vez que o modal *may* não apresenta uma forma contraída de negação no registro padrão (CARTER; MCCARTHY, p. 730).

Com relação ao uso coloquial do passado dos verbos, encontramos uma variação livre no que diz respeito ao passado do verbo *dream*, ora realizado como uma forma no passado regular *dreamed* ou irregular *dreamt*. Esta variação, apesar de possível atualmente, não é mais comum, uma vez que o inglês americano prefere a regularização deste e de outros verbos (SWAN, 1995, p. 294). Já o coloquialismo *wisht*, resultado de um processo semelhante ao apresentado no verbo *dream*, não é reconhecido com um passado possível do verbo *wish*. O mesmo ocorre com a regularização do passado do verbo *know* apresentada na forma *knowed*.

Encerramos o segundo grupo com verbos que apresentam formas não padrão, como *git*, *tole*, e *ben*. Todas estas formas são consideradas tabu atualmente (CARTER; MCCARTHY, 2006; OXFORD..., 2009).

O último grupo, mais numeroso, começa pela apresentação de cinco sentenças em que o uso do auxiliar *have* foi apagado. Percebe-se uma tendência de fazer uso do apagamento em contexto de primeira pessoa, apesar de também ocorrer em contextos como a terceira pessoa ou em condicionais. Em sequência apresentamos três situações de uso em que a

concordância verbo nominal é quebrada, chegando ao extremo de trocar a forma do verbo a forma padrão do verbo *to be* para a primeira pessoa, *am*, para o da terceira pessoa, *is*.

Por fim apresentamos três coloquialismos que envolvem a troca de sons. A fricativa interdental representada pelo *th* na grafia dá lugar a uma forma simplificada, realizada como uma oclusiva *d*. É marcante o uso deste tipo de variante pelo escravo Jim, durante o desenrolar do romance, sendo seu uso característico de afro-descendentes atualmente (WELLS, 1982).

As características coloquiais descritas acima não são exaustivas. Outras manifestações deste tipo são recorrentes no desenrolar da trama do livro *As aventuras de Tom Sawyer*. No entanto, chamamos a atenção para tais amostras apenas com o intuito de exemplificar e discutir mais sistematicamente alguns recursos utilizados por Twain na caracterização da fala coloquial. Dessa feita, apresentamos na seção a seguir, de forma contextual, algumas das formas coloquiais utilizadas pelo autor. A partir desses exemplos poderemos constatar se nossa hipótese de trabalho, acerca do uso de expressões e formas coloquiais utilizadas pelas personagens varia de acordo com a situação comunicativa vivenciada, será confirmada ou refutada.

4. Variação de registro

Organizamos esta seção de forma a apresentar diferentes níveis de fala característicos das personagens. Iniciamos a seção apresentando a seguir um diálogo entre Tom Sawyer e Huckleberry Finn, no momento em que Huck pergunta a Tom o nome de sua namorada, que deixa claro o nível de consciência do autor quando se tratava da questão da variação.

[...] What's the name of the gal?
'It ain't a gal at all – it's a girl.'
'It's all the same, I reckon; some says gal, some says girl – both's right, like enough. Anyway, what's her name, Tom?' (TWIN, 1994, p. 195)

Ao mostrar que mesmo um garoto não-escolarizado como Huck Finn é consciente da questão da variação da expressão *girl* em uma forma mais coloquial e talvez pejorativa *gal*, que Tom tenta combater, Twain nos mostra o porquê de ser considerado ainda hoje um dos mestres do uso da forma coloquial no texto literário.

A variação no nível de registro é característica da fala das personagens do romance. Para efeitos comparativos, agrupamos as personagens em quatro conjuntos, a serem tratados como subseções a seguir.

4.1 Jim/Muff Potter/Huckleberry Finn

Estas personagens fazem uso do nível de registro mais coloquial encontrado no romance. Tal característica reflete diretamente ao status social das personagens, uma vez que o primeiro é o escravo que trabalha na casa de Tom e, o segundo, um adulto afeito a bebedeiras. Huck Finn é o grande amigo de aventuras de Tom. Apresentamos a seguir a fala do escravo Jim dizendo os motivos pelos quais não pode ajudar Tom a cumprir sua tarefa, de pintar a cerca, pois esta servia como castigo para uma de suas travessuras.

'Can't, Ma's Tom. Ole missis she tole me I got to go an' git dis water an' not stop foolin' 'roun' wid anybody. She say she spec' Ma's Tom gwayne to ax me to whitewash, an' so she tole me go 'long an' 'tend to my own business – she 'lowed she'd 'tend to de whitewashin'. (TWIN, 1994, p. 15)

Observamos na fala de Jim a presença marcante de um elevado número de processos metaplásmicos de todos os tipos, além diversas outras características da fala coloquial. Encontramos aféreses nas palavras *'long*, *'tend*, *'lowed*, síncope em *Mar's/ma'rs*, e apócope em *an'*, *foolin'*, *spec'*, *whitewashin'*. Junções destes processos também ocorrem, como em *'roun'*. Encontramos ainda diversas outras características de coloquialismos, como por exemplo no uso das palavras *ole*, *tole*, *git*, *dis*, *wid* bastante característicos na fala de Jim. A expressão *gwayne* funcionando como o indicativo de futuro *goint to* é também digno de nota, bem como a forma *ax* usada para substituir o padrão *ask*. Por fim chamamos a atenção para a concordância da expressão *she say*. A fala de Jim, portanto, é característica de uma personagem iletrada, retratando registro iletrado em sua plenitude na obra de Twain.

Muff Potter, apesar de também fazer um uso frequente de coloquialismos, não apresenta características de fala coloquial ou inculta tão fortes quanto as de Jim. Apresentamos a seguir um exemplo de fala de Muff Potter, no momento em que ele encontra-se preso devido a uma falsa acusação de assassinato, dirigindo-se a Tom e Huck.

'You have been mighty good to me, boys – better'n anybody else in this town. And I don't forget it, I don't. Often I says to myself, says I, "I used to mend all the boys' kites and things, and show'em where the good fishin' places was, and befriend'em when I could, and now they've all forgot old Muff wen he's in trouble, but Tom don't, and Huck don't – they don't forget him.'" (TWIN, 1994, p. 147)

Na fala de Muff Potter observamos o uso menos frequente de processos metaplásmicos, restringindo-se ao uso de aférese, como em *'n*, e *'em*, e de apócope em *fishin'*. A característica marcante da fala coloquial de Potter revela-se no uso da concordância verbo-nominal, como em *I says*, *places was*, *Huck don't*, e *Tom don't*. A fala de Muff Potter, portanto, apesar de poder ser descrita como iletrada, não chega a atingir o mesmo nível encontrado na fala de Jim quando comparamos os exemplos apresentados.

A fala de Huck Finn também é cheia de coloquialismos, sem, no entanto, atingir o nível apresentado por Jim no exemplo anteriormente exposto. A seguir apresentamos uma fala de Huck num momento de desabafo com Tom. Já no final da história, ele confessa a seu amigo não suportar o controle que a sociedade, na forma do cuidado que a viúva Douglas passa a ter com ele, lhe impõe.

'Don't talk about it, Tom. I've tried it, and it don't work; it don't work, Tom. It ain't for me; I ain't used to it. The widder's good to me, and friendly; but I can't stand them ways.'" (TWIN, 1994, p. 218)

Neste exemplo destacam-se o uso de expressões coloquiais utilizadas por Huck. Podemos citar por exemplos o problema de concordância em *it don't*, o uso constante da expressão *ain't*, o uso do termo *widder* ao invés de *widow*, bem como o uso do pronome objeto *them* substituindo o possessivo *their*. O nível de coloquialismo encontram-se na fala de Huck se assemelha, portanto, mais à fala de Muff Potter, ambos encontrando-se num patamar de uso de registro um pouco mais elevado do que o apresentado pelo escravo Jim.

4.2 Sr. Walter/Juiz Tatcher

Em contraponto ao baixo nível de registro utilizado por Jim, Muff Potter e Huckleberry Finn apresentados acima, temos as representações da fala do Sr. Walter e do Juiz Tatcher. O primeiro é um dos responsáveis pela escola dominical que Tom frequenta e o segundo é o juiz da cidade de São Petesburgo e pai da Becky, a namorada de Tom. A seguir apresentamos a fala do Sr. Walter aplicando um sermão aos seus alunos, pedindo um melhor comportamento.

‘Now, children, I want you all to sit up just as straight and pretty as you can, and give me all of your attention for a minute or two. There, that it is. That is the way good little boys and girls should do. I see one little girl who is looking out of the window – I am afraid she thinks I am out there somewhere – perhaps in one of the trees making a speech to the little birds. [...] (TWIN, 1994, p. 32)

Observamos na fala acima que o Sr. Walter faz uso constante da linguagem culta, sem coloquialismos aparentes. A seguir apresentamos a fala do Juiz Thatcher, congratulando Tom pelo fato (inverídico) deste ter memorizado dois mil versos da bíblia.

‘That’s it! That’s a good boy. ... Two thousand verses is a great many. And you never can be sorry for the trouble you took to learn them; for knowledge is worth more than anything there is in the world; it’s what makes great men and good men; you’ll be a great man and a good man yourself some day, Thomas...’ (TWIN, 1994, p. 35)

Mais uma vez observamos um exemplo de fala culta. Na fala destas personagens, devido à sua posição social, Twain opta por conscientemente fazer uso apenas da linguagem padrão em suas participações no romance.

Outras personagens, como tia Polly, Becky e Tom Sawyer, não se caracterizam pelo uso dicotômico de níveis de coloquialismo. Os grupos constituídos por Jim/Muff Potter/Huck Finn, sempre usuários de um registro coloquial, e do grupo constituído pelos Sr. Walter/Juiz Thatcher, usuários apenas do registro culto, funcionam na obra como uma representação dicotômica do nível de registro, sendo os grupos a seguir os responsáveis por quebrar este paradigma e emprestar verossimilhança às falas encontradas no romance.

4.3 Tia Polly/Becky/garotos

As características marcantes do uso de coloquialismos deste grupo reside em seu uso seletivo, de acordo com a situação em que fazem uso da língua. Dessa forma, percebe-se o cuidado de utilizar coloquialismos apenas em situações em que seu uso é aceitável. Exemplos marcantes disto são encontrados na fala das personagens tia Polly, parente de Tom, Becky, sua namorada, e dos garotos na escola.

Abaixo reproduzimos conversa entre Tom e sua Tia Polly. Na conversa falam do fato de Tom ter dado ao gato da família, Peter, o remédio que deveria ter tomado.

‘I know you was meaning for the best, Aunty, and so was I with Peter. It done *him* good, too. I never see him get around so nice.’
‘Oh, go ‘long with you, before you aggravate me again. And you try and see if you can’t be a good boy for once, and you needn’t take any more medicine.’ (TWIN, 1994, p. 87)

Observamos claramente o pequeno uso de expressões coloquiais na fala de Tia Polly, resumindo-se ao uso de aférese na palavra ‘*long*. Tom Sawyer, dado o caráter familiar que a fala ocorre, faz uso de mais formas coloquiais, como o apagamento do verbo auxiliar *have* nas expressões *it done* e *I never see(n) him*. Noutros momentos observamos falas ainda mais coloquiais de tia Polly, como quando se pergunta se Tom já não a enganou diversas vezes, após outra de suas travessuras “Ain’t he played me tricks enough like that for me to be looking out for him by this time?” (TWIN, 1994, p. 87) Neste exemplo o uso da forma coloquial *ain’t* é utilizada mais uma vez devido ao contexto de produção do enunciado, que permite tais expressões. Por outro lado, quando da visita de uma amiga para chorarem o desaparecimento de Tom e de alguns de seus amigos ela defende Tom dos ataques de Sid.

[...] Not a words against my Tom, now that he's gone! God will take care of *him* – never you trouble *yourself*, sir. Oh, Mrs Harper, I don't know how to give him up, I don't know how to give him up! He was such a comfort to me [...] (TWIN, 1994, p. 103)

Nesta fala, ausente de coloquialismos, observamos que tia Polly se adapta à situação, que requer um maior nível de registro da linguagem utilizada, uma vez que está na presença de uma amiga.

Becky Thatcher age de forma semelhante ao fazer suas escolhas linguísticas. Abaixo reproduzimos passagem em que ela e Tom interagem pela primeira vez, no momento em que Becky se maravilha com um desenho feito por Tom.

'It's a beautiful man – now make me coming along. [...] It's ever so nice – I wish I could draw.'
'It's easy. ... I will learn you.'
'Oh, will you? When?'
'At noon. Do you go home to dinner?'
'I will stay if you will.'
'Good, that's a go. What is your name?'
'Becky Thatcher. What is yours? Oh, I know. It's Thomas Sawyer.'
'That's the name they lick me by. I'm Tom when I am good. You call me Tom, will you?' (TWIN, 1996, p. 52)

É visível o cuidado nas escolhas linguísticas que o diálogo acima representa. Por serem desconhecidos até este momento, as personagens optam por um registro culto da linguagem. Mesmo Tom Sawyer, mais que habituados a usos coloquiais da linguagem, se prende à forma culta, como que tentando impressionar Becky. Após este encontro preliminar, num segundo momento, em que as personagens já estão trocando juras de amor, percebemos que as características da fala coloquial reaparecem visivelmente.

'Now it's all done, Becky. And always after this, you know, you ain't ever to love anybody but me, and you ain't ever to marry anybody but me, never never and for ever.'
'No, I will never love anybody but you, Tom, and I will never marry anybody but you, and you ain't ever to marry anybody but me, either.' (TWIN, 1994, p. 58)

Percebemos que o nível de intimidade entre as personagens cresceu a ponto de permitir o uso da expressão *ain't* na fala de ambos. Tal coloquialismo não é característico de forma alguma do discurso de Becky, filha do Juiz e usuária frequente do registro culto. A situação de sua fala acima, associado ao uso frequente da expressão *ain't* por parte de Tom licencia Becky a utilizá-la também.

Nosso último exemplo de uso de coloquialismo se adequando à situação de enunciação envolve os garotos. Como alunos de uma escola regular, espera-se deles o domínio do registro culto no trato com os professores ou na apresentação de seus trabalhos escolares. Isto, no entanto, não os impossibilita de também fazerem uso de coloquialismos os mais diversos quando a situação de fala os permitir. No exemplo a seguir, apresentamos trecho de um texto denominado "Is this, then, Life?", que é lido no exame final da escola.

'In the common walks of life, with what delightful emotions does the youthful mind look forward to some anticipated scene of festivity! Imagination is busy sketching rose-tinted pictures of joy. In fancy, the voluptuous votary of fashion sees herself amid the festive throng, "the observer of all observers".

.....
But after a while she finds that beneath this goodly exterior, all is vanity; the flattery which once charmed her soul, now grates harshly upon her ear; the ballroom has lost its charms; and with wasted health and embittered charms, she turns away with the

conviction that earthly pleasures cannot satisfy the longings of the soul!’ (TWIN, 1994, p. 139)

Os mesmos estudantes capazes de produzir textos tão eloquentes, a serem lidos para uma grande audiência, são capazes, quando conversando entre seus pares, de falas como a seguinte, em que invejam a ascensão de um dos alunos aos olhos do mundo por ser parente do juiz da cidade “Look at him, Jim! He’s a going up there. Say, look! He’s a going to shake hands with him; he *is* a shaking hands with him. By jinks, don’t you wish you was Jeff?” (TWIN, 1994, p. 33) Como observamos no exemplo, entre seus iguais, os estudantes fazem uso de estruturas coloquiais, como no caso do *a* intrusivo entre o verbo auxiliar e o principal, além de concordâncias não usuais como em *you was*, uma vez que não se sentem pressionados a fazer uso da forma culta da língua.

A seguir, apresentamos a personagem que apresenta uma maior variação no uso de registro coloquial, o próprio Tom Sawyer.

4.4 Tom Sawyer

O garoto Tom Sawyer faz uso de um grande número de expressões e metaplasmos característicos da fala coloquial no desenrolar de suas aventuras. No entanto, por ser um garoto de classe mais abastada, frequentador dos bancos escolares e também leitor assíduo de livros de aventuras os mais diversos, Tom também domina o uso do registro culto, como prova suas falas a seguir, em que imagina ser Robin Hood atacando viajantes na floresta de Sherwood.

‘Hold, my merry men! Keep hid till I blow. [...] Hold! Who comes here into Sherwood Forest without my pass?’
‘Guy of Guisborne wants no man’s pass! Who art thou that – that –
‘Dares to hold such language’, said Tom, prompting, for they talked ‘by the book’, from memory.
‘Who art thou who dares to hold such language?’
‘I, indeed. I am Robin Hood, as thy caitiff carcass soon shall know.’
‘Then art thou indeed that famous outlaw? Right gladly will I dispute with thee the passes of the merry wood. Have at thee.’ (TWIN, 1994, p. 63)

O uso da forma verbal arcaica (CARTER; McCARTHY, 2005, p. 393) *art* do verbo *to be* no plural é um indicativo de que os garotos estavam conscientemente imitando a fala que encontraram em livros antigos. Outros indicadores são o uso consiste do arcaísmo *thou* substituindo o pronome sujeito *you*, bem como o uso de *thee* substituindo a mesma palavra funcionando como objeto. Portanto, Tom Sawyer conscientemente escolhe estas formas linguísticas tendo em vista o efeito estilístico que espera alcançar: o duelo entre dois personagens de eras passadas.

Devemos neste momento lembrar as falas envolvendo Tom e Becky, discutidas anteriormente, em que ele faz uso consciente das formas linguísticas utilizadas para falar com Becky no primeiro encontro, e seu posterior relaxamento quando se tornaram íntimos. Na conversa abaixo, ao falarem sobre um circo, Tom e Becky já são mais íntimos, apesar de não terem ainda trocado juras de casamento como vimos num exemplo anterior.

‘Was you ever at a circus?’ said Tom
‘Yes, and my pa’s to take me again sometime, if I’m good.’
‘I been to the circus three or four times – lots of times. Church ain’t shucks to a circus. [...]’ (TWIN, 1994, p. 56)

Observamos na fala de Tom um maior uso de recursos coloquiais, como a concordância inadequada *was you*, ou a expressão *ain't*. podemos também mencionar a ausência do auxiliar *have* na construção do presente perfeito *I been*. A fala de Becky, como sempre, é mais voltada para o nível culto, sem, no entanto, escapar ao uso da palavra *pa* como uma forma coloquial de referir ao seu pai.

Por outro lado, Tom Sawyer faz uso constante de coloquialismos quando se vê interagindo com seu amigo Huckleberry Finn. Os diversos exemplos abaixo servem de ilustração para a relação amigável, e portanto pautada pelo uso dos coloquialismos mais diversos, utilizados por Tom e Huck em suas conversas. No exemplo a seguir, Tom pede permissão a Huck para ir com ele ao cemitério, sendo que a senha para a aventura seria Huck miar perto da casa de Tom para chamá-lo.

'I never thought of that. That's so. Lemme go with you?'
 "Of course – if you ain't afeard.'
 'Afeard! 'Tain't likely. Will you meow?'
 "Yes, and you meow back if you get a chance. Last time you kep' me meowing around till old Hays went to throwing rocks at me, and says, "Dern that cat!" So I hove a brick through his window – but don't you tell.' (TWIN, 1994, p. 49)

Encontramos na fala de Tom coloquialismo como *lemme* e *'tain't*, como que se harmonizando com o nível de fala de Huck, pleno de coloquialismos como *ain't*, *kep'*. Na interação a seguir, Tom e Huck encontram-se nos arredores do cemitério, após o assassinato que presenciam, e escutam alguém roncando.

'Sounds like – like hogs grunting. No – it's somebody snoring, Tom.'
 'That *is* it? Where'bouts is it, Huck?'
 'I b'leeve it's about at t'other end. Sounds so, anyway.'

 The spirit of adventure rose in the boys' souls once more. 'Hucky, do you das't to go if I lead?'
 'I don't like to, much, Tom. S'pose it's Injun Joe. (TWIN, 1994, p. 49)

Mais uma vez observamos o marcado coloquialismo nas falas de Huck, como em *b'leeve*, *t'other* e *s'pose*, cujo nível de registro linguístico é reproduzido por Tom, por exemplo, ai usar aférese *'bout* ou a forma não-padrão *das't* ao invés do recomendável *daren't*.

No último exemplo, apresentado a seguir, apresentamos Tom e Huck conversando acerca do assassinato que testemunharam

'Huck, they couldn't anybody get you to tell, could they?'
 'Get me to tell? Why, if I wanted that half-breed devil to drownd me they could get me tell. There ain't no different way.'
 'Well, that's all right then. I reckon we're safe as long as we keep mum. But let's swear again, anyway. It's more surer!'
 'I'm agreed.' (TWIN, 1996, p. 49)

Neste caso específico, a construção da frase *they couldn't anybody get you to tell* é totalmente coloquial, uma vez que é notável a utilização de processos sintáticos não-padrão na organização da frase. Como sempre ocorre na fala de Huck, este faz uso de coloquialismos como *drownd*, *ain't* ou na expressão *I'm agreed*.

Uma vez dispostos os níveis de registro linguístico, do extremamente coloquial ou mesmo iletrado, passando pelo nível familiar e o culto, esperamos ter conseguido atingir o objetivo proposto no início do trabalho: descrever os aspectos da fala coloquial utilizada por Mark Twain em seu primeiro romance, a obra *As aventuras de Tom Sawyer*. O autor, ao

mostrar cuidado no momento de selecionar o nível de registro utilizado por suas personagens de acordo com seu status social ou, em alguns casos, adequando a fala das personagens de acordo com a situação de realização do enunciado, em um nível mais ou menos coloquial, demonstra seu elevado grau de proficiência no trato da questão da variação linguística, numa época muito anterior ao advento da Linguística.

5. Conclusão

Tendo em vista o conjunto de exemplos analisados acima, constatamos que Twain tratou o uso de coloquialismo em três grandes grupos. O primeiro envolve personagens que são retratadas apenas como usuárias do nível coloquial mais baixo ou mesmo iletrado, como os exemplos envolvendo Huckleberry Finn, Muff Potter e o escravo Jim. Os coloquialismos característicos refletem o nível sócio-educacional mais baixo destas personagens.

O segundo grupo, por outro lado, envolve um nível de registro culto, sem espaço para o uso de coloquialismos. Mencionamos neste caso os exemplos do senhor Walter e do Juiz Thatcher que, devido às suas posições na sociedade imaginária do romance, caracteristicamente não fazem uso em suas falas de qualquer marcas do coloquialismo.

Os integrantes do terceiro grupo fazem parte como de uma zona de intersecção que não permite caracterizar das falas as personagens do romance de maneira dicotômica, mas sim num continuum entre os níveis mais e menos coloquial. Estas personagens fazem uso de expressões coloquiais com maior ou menor frequência de acordo com a situação de comunicação em que estão inseridas. Os componentes deste grupo envolvem tia Polly, Becky, os garotos da escola e o próprio Tom Sawyer.

Nossa pergunta-problema acerca da possibilidade do nível de registro da fala das personagens criados por Mark Twain em seu livro *As aventuras de Tom Sawyer* variar de acordo com o nível de formalidade exigido pela situação comunicativa em que estes estão inseridos, dessa feita, foi respondida afirmativamente. Isto *confirma* a hipótese de Twain reconhecer a importância do conceito de adequação de nível de registro à situação de comunicação e às características socioeconômicas das personagens.

Apesar destas conclusões, ressaltamos que devido a limitações diversas não realizamos um levantamento mais detalhado das situações de fala de todas as personagens encontradas no livro. Esta limitação nos levou a deixar de lado, por exemplo, a análise da fala de personagens importantes do romance como Injun Joe, a viúva Douglas, entre outros. Podemos entretanto argumentar, baseados em nossa leitura do romance, que as falas de personagens não mencionados corroboram os dados apresentados no presente artigo.

Por fim, indicamos como possibilidade de pesquisa futura deste tema a questão da tradução destes coloquialismos para a língua portuguesa. Ao analisarmos uma tradução da obra para o português nos deparamos com a seguinte passagem traduzida da fala de Jim, apresentada em sua versão original anteriormente no artigo

- Não posso, Tom. A senhora disse *pra* eu ir buscar esta água e não demorar brincando com ninguém. Ela disse que você ia pedir *pra* eu cair, mas que eu fizesse meu dever enquanto ela tomava conta da caiação. (TWIN, 2007, p. 23)

A riqueza de coloquialismos apresentada no original foi obliterada na passagem acima, provavelmente, devido às dificuldades em traduzir tais expressões. As marcas tão características da obra de Twain devem ser reproduzidas em nossas traduções, sob a pena de perdemos o que há de mais relevante em sua obra.

Referências

- BRANDÃO, Helena H. N. Da estilística aos gêneros do discurso no ensino de línguas. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 34, p. 14-27, 2005.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. Rio de Janeiro: ao Livro Técnico, 1977.
- CARDOSO, Elis de Almeida. A criação neológica estilística. **Matraga**, ano 11, n. 16, 2004.
- CARTER, Ronald; McCARTHY, Michael. **Cambridge grammar of English: a comprehensive guide**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- CARVALHO, Castelar de. A estilística e o ensino de português. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, VIII, 2004, Rio de Janeiro, **Cadernos do...** Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2004.
- DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. Estilística ou estilísticas. **Revista Philologos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, 2006.
- EMÍLIO, Aline. Panorama evolutivo: estilística e estilo. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, n. 2, p. 121-134, 2003.
- GRAMMONT, M. **Taité de phonétique**. Paris: Delagrave, 1971.
- GUIRAUD, Pierre. **La stylistique**. Paris: Presse Universitaire de France, 1970.
- KREIDLER, Charles W. **The pronunciation of English: a course book**. Malden: Blackwell, 2004.
- MONTEIRO, José Lemos. **A estilística: manual de análise e criação do estilo literário**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ORION, Gertrude F. **Pronouncing American English**. Pacific Grove: Heinle & Heinle, 1997.
- OXFORD UNIVERSITY PRESS. **The Oxford English dictionary**. CD-ROM. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- POSSENTI, Sírio. Notas sobre a estilística de Mattoso Câmara. **Estudos da língua(ge)m**, Vitoria da Conquista, n. 2, p. 79-93, 2005.
- RIEDINGER, Edward A. **A brief view of American literature**. s.l.: Waldyr Lima editora, 1970.
- ROACH, Peter. **English phonetics and phonology: a practical course**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro. Aspectos da estilística portuguesa. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, VIII, 2004, Rio de Janeiro, **Cadernos do...** Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2004.
- SWAN, Michael. **Practical English usage**. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- TWAIN, Mark. **The Adventures of Tom Sawyer**. London: Penguin, 1994.
- _____. **As aventuras de Tom Sawyer**. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- VICENTE, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Sociedade e cultura**. V. 10. Nº 2, 2007. p. 187-196.
- VIOLA, I. C. Efeito expressivo das variantes estilísticas do /r/. **Revista Intercâmbio**, v. XV, 2006.
- WELLS, John C. **Accents of English**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- _____. **Longman pronunciation dictionary**. Essex: Longman, 1990.